

# Planalto quer isolar economia da política

EUMANO SILVA

DA EQUIPE DO CORREIO

**A**sída do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, combinada com a aproximação da eleição presidencial, alertou o Palácio do Planalto para o perigo de contaminação da economia brasileira pelo clima de campanha. As primeiras reações do mercado financeiro à nomeação de Guido Mantega ressuscitaram o fantasma da crise de 2002, quando o dólar chegou a R\$ 4, estimulado por especulações sobre as consequências da chegada do petista Luiz Inácio Lula da Silva ao comando do país. O surgimento de movimentos especulativos no mercado financeiro levaram o governo a agir com um olho no mercado e outro nas urnas de outubro.

As preocupações no Palácio do Planalto chegaram ao auge na terça-feira, quando o dólar manteve a trajetória ascendente mesmo depois de Mantega se comprometer com a disciplina fiscal implantada por Palocci. O gesto mais ostensivo contra a ação dos especuladores foi a decisão tomada por Lula de manter no cargo o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. O anúncio da permanência do comandante do BC foi feito pelo líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP), um dos mais atentos para os possíveis efeitos negativos da política sobre a economia.

Na mesma terça-feira, o presidente da República reafirmou a independência Banco Central em relação ao Ministério da Fazenda. Sinalizou a supremacia do ortodoxo Meirelles sobre o desenvolvimentista Mantega nas questões monetárias. Foi a senha para o merca-

do acreditar na continuação da política monetária adotada por Palocci. "O Banco Central terá papel fundamental na garantia da estabilidade da economia este ano", afirmou Mercadante no final da tarde, ao justificar a importância de se preservar a direção do BC.

## Indicadores

Lula conta com o senso de responsabilidade dos adversários para impedir a repetição da crise da última eleição. "Qualquer que seja o resultado da próxima eleição, a ninguém interessa o descontrole da situação, como aconteceu em 2002", avalia o líder no Senado. Os governistas se apóiam nos indicadores positivos para prever uma travessia segura para a economia brasileira em 2006.

O presidente do PT, deputado Ricardo Berzoini (SP), mostra-se confiante no desempenho do novo ministro na estabilidade da economia. "Mantega é um homem experiente, conhece em profundidade a política econômica e não vai gerar qualquer tipo de problema", afirmou o dirigente petista no final da tarde de quinta-feira, quando o dólar caiu encerrou o dia em queda, depois de três fechamentos em alta.

Apesar da cautela demonstrada por Mantega nas primeiras declarações, a oposição reagiu com desconfiança. "Não estamos preocupados com o Banco Central, mas sim com o equilíbrio fiscal", declarou o líder da minoria na Câmara, José Carlos Aleluia (PFL-BA). "O governo não pode continuar gastando como gastou nos primeiros meses do ano", acrescentou o deputado baiano, referindo-se à redução do superávit primário de R\$ 15,41 bilhões para R\$ 7,79 bilhões nos dois primeiros me-



MERCADANTE, NA TERÇA-FEIRA: TURBULÊNCIAS NO MERCADO PROVOCARAM TENSÃO NA CÚPULA GOVERNISTA

ses do ano. Comparados ao primeiro bimestre do ano passa-

do, esses números representam uma queda no superávit primário de 5,25% para 2,43% do Produto Interno Bruto (PIB).

Os opositores atacam o perfil "desenvolvimentista" do novo ministro da Fazenda em ano de sucessão no Palácio do Planalto. Lembram as críticas feitas por Mantega à política econômica de Palocci nos três primeiros anos do governo Lula e temem o uso

da máquina federal na campanha de Lula. Aumento de gastos significa mais dinheiro investido em programas sociais, de forte apelo eleitoral.

Aleluia concorda com a melhora dos números, mas recomenda prudência na condução da economia. "Não podemos descartar os efeitos no Brasil de crises externas", diz o líder da minoria. As turbulências internas da semana passada foram um bom exemplo da estreita relação entre os indicadores econômicos dentro e fora do país. O aumento da taxa de juros nos Estados Unidos na última terça-feira ajudou a derrubar a cotação da moeda brasileira.

LEIA MAIS SOBRE O DESEMPENHO DE MANTEGA NA PÁGINA 14

## MEMÓRIA

### Ataque ao real em 2002

A campanha eleitoral de 2002 serviu de pretexto para um dos movimentos especulativos mais nocivos da história recente da economia brasileira. A perspectiva de vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, representante de um partido de esquerda, gerou boatos de mudanças bruscas na política econômica e o dólar disparou. Em 2 de janeiro, a moeda norte-americana custava em torno de R\$ 2,3. Em 22 de outubro, cinco dias antes do segundo turno, passou de R\$ 4 e fechou em R\$ 3,95. O Risco Brasil chegou a 2.400 pontos.

Os especuladores ganharam dinheiro fácil porque a economia brasileira se encontrava debilitada. Com deficit nas contas externas, o país precisava de dólares para cobrir o rombo. Analistas financeiros com base em Nova York propagavam os riscos representados pela eleição de Lula e o Brasil encontrava cada vez mais dificuldades para obter recursos externos. Criaram até um índice, apelidado de "lulômetro", que relacionava a desvalorização do real com o crescimento do petista nas pesquisas.

Em agosto, o então ministro da Fazenda, Pedro Malan, conseguiu US\$ 30 bilhões do Fundo Monetário Internacional (FMI) para enfrentar a crise. Ao mesmo tempo, a equipe de Lula trabalhava para desfazer a ideia de choque na economia. O então coordenador do programa petista, Antonio Palocci, assegurava o cumprimento dos contratos.

Os sinais emitidos pelo então futuro governo reduziram a força das especulações. Depois da posse de Lula, Palocci pôs em prática um estilo responsável e cauteloso que deu confiança ao mercado e os dólares começaram a voltar e o Risco Brasil entrou em trajetória de queda.